

## Contributos para o estudo das perífrases verbais com “aver” e “teer” no português medieval

Maria João Costa

Escola Superior de Educação da Guarda

As múltiplas vicissitudes sofridas pelos verbos “aver” e “teer” ao longo da história e as variadas ocorrências em que os encontramos afiguram-se como um elemento determinante para o conhecimento de fases pretéritas da língua portuguesa. Dado que são muitas as estruturas em que este par de verbos ocorre, não seria possível abarcá-las a todas num trabalho desta natureza. Assim, com base na necessidade de evitar a dispersão e almejando proporcionar uma visão rigorosa da evolução deste par de verbos, optámos por restringir esta comunicação ao estudo das perífrases formadas pelos verbos “aver” e “teer” seguidos de infinitivo.

O enfoque seguido permitirá equacionar, com relativa segurança, «o percurso real de um par de formas verbais que, caminhando inicialmente bastante próximas, acabaram por inverter a posição de marcha<sup>1</sup>». Pretendemos assim dilucidar os caminhos sintáctico-semânticos percorridos por estes dois verbos no período que medeia entre o século XIII e a primeira metade do século XVI, i.e., a fase do português arcaico. Na impossibilidade prática de abarcar todos os documentos do período arcaico do português, situação que seria a ideal, optámos pela selecção de um “corpus” que julgamos representativo quer cronológica quer tipologicamente<sup>2</sup>. De igual modo, baseando-nos na frequência ocorrencial e nas valências semânticas destes dois verbos pretendemos avançar algumas explicações relativas à utilização das perífrases em causa.

A estrutura formada por “aver” de / “teer” de seguida de infinitivo apresenta, no português arcaico, um comportamento deveras interessante. É de referir que no “corpus” analisado encontrámos também os verbos “aver” e “teer” seguidos da preposição “a”. Esta possibilidade foi por nós considerada como “especial” pois ocorria em poucas situações e acabou mesmo por quase desaparecer.

O valor de futuridade que, em grande parte dos casos, está inerente a “aver” nesta perífrase, encontra a sua origem no latim tardio pois já aí se encontram perí-

<sup>1</sup> AMADEU TORRES. «Na pista do Prof. Azevedo Ferreira: os verbos ter e haver em dois cartulários nortenhos». In: *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga - Guimarães, 1996, editadas por Ivo Castro, vol. II, Lisboa, 1997, p. 303-313.

<sup>2</sup> Para que o leitor possa informar-se da amplitude do “corpus” exarado, deve consultar a bibliografia final - fontes documentais relativas aos séculos XIII, XIV, XV e XVI na nossa dissertação de mestrado.

frases formadas com “habere” seguido de infinitivo. Para além desta perífrase, as línguas românicas em geral também recorreram à perífrase “habere ad” + infinitivo que originou, em português, a perífrase “aver” a + infinitivo. Todavia, grande parte dessas mesmas línguas românicas, incluindo o português, optou pela perífrase formada com a preposição “de”. Alicia Yllera explica o desaparecimento progressivo de “haber a” + infinitivo em castelhano «porque esta reposición suponía el encuentro, con una frecuencia muy superior a la que se producía anteriormente, de dos vocales idénticas y, por lo tanto, la absorción de a<sup>3</sup>». Era precisamente o que poderia suceder em exemplos como: «ha a aver» onde se encontravam três vogais semelhantes, em hiato, o que poderia levar à sua crase. No que toca ao verbo “teer”, supomos que terá aparecido nesta estrutura perifrástica seguindo os passos de “aver” tal como ocorre nas outras estruturas (de posse; com o particípio passado). No “corpus” utilizado para o século XVI “aver” a + infinitivo e “teer” a + infinitivo desapareceram completamente. O facto de não termos encontrado nenhuma abonação não significa que tenham desaparecido por completo, mas é bem representativo da cada vez menor utilização destas perífrases por parte dos utentes da língua. Uma das razões que pode ter levado ao enfraquecimento desta perífrase poderá ter sido o facto de que, semanticamente, não havia diferenças entre, por exemplo, “aver” de e “aver” a seguidos de infinitivo. Sintacticamente verificámos que para a perífrase “aver” a + infinitivo havia uma nítida preferência pela proximidade entre os elementos que a compõem. Para a perífrase formada pelo verbo “teer” há uma maior dispersão pelas várias hipóteses de constituição. Se, como já referimos, no século XVI não encontrámos qualquer perífrase formada com a preposição “a”, é bastante curioso verificar que no mais antigo documento escrito em português encontrado até agora – o *Testamento de Afonso II* (1214) há cinco perífrases todas elas formadas com a preposição “a”. Este facto vem dar maior consistência à ideia acima apresentada de que, certamente, esta terá tido origem na perífrase “habere ad” + infinitivo rastreável já no latim tardio e que deixou marcas em algumas línguas românicas, tal como no caso da língua portuguesa. Podemos aduzir o seguinte exemplo: «(...) e meu filio ou mia filia q(ue) no meu logar ouuer a reinar (...)»<sup>4</sup>. Se para o verbo “aver” verificamos que a preposição inicialmente escolhida terá sido “a” e só depois passamos a encontrar, quase exclusivamente, “de”, para o verbo “teer” a situação encontrada é a inversa. Esta afirmação é mais facilmente clarificada se pensarmos em exemplos do português actual. A perífrase com o verbo “haver” é formada menos vezes e, quando ocorre, a preposição “de” é a mais seleccionada, por exemplo: «Havemos de ir a Paris»; em relação ao verbo “ter” encontramos, no português actual, tanto a preposição “de” como “a” embora com

<sup>3</sup> ALICIA YLLERA, *Sintaxis histórica del verbo español: las perífrasis medievales*. Zaragoza (Departamento de Filología Francesa), Universidad de Zaragoza, 1980, p. 96.

<sup>4</sup> Cf. AVELINO DE JESUS DA COSTA, *Os mais antigos documentos escritos em português. Revisão de um problema histórico-linguístico*. Separata da *Revista Portuguesa de História*, tomo XVII (Homenagem ao Doutor Torquato de Sousa Soares), 1979, p. 312-321.

valores diferentes, por exemplo: «Temos de ir embora»; «Tenho a dizer que já terminei o trabalho». Observemos alguns exemplos de "aver" a / "teer" a + infinitivo retirados do "corpus" do português arcaico:

### 1. Século XIII

- a) «(...) daq(ue)les q(ue) mia mãda an a departir (...)»<sup>5</sup> ([19], l.3-4);
- b) «(...) herdade que de dar teudo ll'era»<sup>6</sup> (Cant. 382, v. 13-14).

### 2. Século XIV

- a) «(...) et a poucas lle ouuera a tallar o dedo da mão»<sup>7</sup> (p. 429, l.109);
- b) «(...) et ouueron per força a leixar o câpo (...)»<sup>8</sup> (p. 224, l.127);
- c) «(...) nuca fezeses per uosas mãos por que seiades teúdo a auer preço et honrra»<sup>9</sup> (p. 677, l.157-158);
- d) «E nõ tã solamete ssom teudos os prelados a o ffazer aos pobres»<sup>10</sup> (Título VIII, l.1025-1026).

### 3. Século XV

- a) «(...) o seu solar ouve a ficar destroído e ouve a ficar aos reis de Castella»<sup>11</sup> (vol. II, p. 398, l.1);
- b) «(...) e ficarem tehudos a darem depois o que nom queriam (...)»<sup>12</sup> (p. 240, l. 21-22)

Centremos a nossa atenção na estrutura "aver" de / "teer" de + infinitivo. Esta serve para indicar a ideia de necessidade, possibilidade, dúvida, obrigação ou, por vezes, de acção futura implicando um compromisso. Quer se trate da perífrase formada com "aver" quer com "teer" verificámos que há um aspecto comum a ambas, que é a ideia de futuridade embora se note com maior clareza com o verbo "aver".

Uma vez que esta é a situação encontrada resta comprovar se, ainda assim, há

<sup>5</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>6</sup> Cf. AFONSO X, *Cantigas de Santa Maria*. Editadas por Walter Mettmann, 4 volumes. Coimbra (Acta Universitatis Conimbricensis), vol. I, 1959; vol. II, 1961; vol. III, 1964; vol. IV, 1972.

<sup>7</sup> Cf. *General Estoria. Versión gallega del siglo XIV. Ms. O.I.I. del Escorial*. Edición, introducción lingüística, notas e vocabulario de Ramón Martínez-López. Oviedo (Universidad de Oviedo. Facultad de Filosofía y Letras. Publicaciones de Archivum), 1963.

<sup>8</sup> Cf. RAMÓN LORENZO, *Crónica Troiana*. A Coruña (Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, "Colección Documentos Históricas" disposta pola Real Academia Galega), 1985.

<sup>9</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>10</sup> Cf. AFONSO X, *Primeyra Partida*. Édition et étude par José de Azevedo Ferreira. Braga (INIC), 1980.

<sup>11</sup> Cf. *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Edição crítica do texto português por Luís F. Lindley Cintra. Edição facsimilada por Imprensa Nacional - Casa da Moeda: vol. I, 1983; vol. II, 1984; vol. III, 1984; vol. IV, 1990.

<sup>12</sup> Cf. *Livro da Vertuosa Benfeytoria [Infante D. Pedro e frei João Verba]*. Edição crítica, com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado. Coimbra (Acta Universitatis Conimbricensis), 1994.

maior preferência por alguma destas estruturas, se se consegue deslindar qualquer distinção semântica ou se, pelo contrário, “aver” de / “teer” de são, neste caso concreto, utilizados indistintamente.

O acompanhamento da evolução destas estruturas desde o século XIII até à primeira metade do século XVI aportou dados que ajudam ao estabelecimento de uma cronologia relativa mais precisa.

Atentemos agora no que ocorre com estas perífrases no português arcaico onde, como já seria de esperar, a estrutura “aver” de + infinitivo supera em número de ocorrências a estrutura “teer” de + infinitivo.

Assim, no século XIII, encontramos 265 ocorrências da perífrase formada com “aver” e 107 ocorrências com o verbo “teer” o que equivale a 71% e 21% respectivamente. Sintacticamente é notória a semelhança das duas estruturas, podendo ambas aparecer de forma sucessiva (“aver”/“teer” + de + infinitivo), ou então, podem aparecer outros elementos que se interpõem entre “aver”/“teer” + de + infinitivo. É o que sucede em:

4. a) «(...) eu ei de muito viver»<sup>13</sup> (C. A., cant.1, v.3);
- b) «E por est' ouveron todos de morrer»<sup>14</sup> (C.S.M., cant.12, v.33).

Quando a estrutura se apresenta seguida temos, por exemplo:

5. a) «(...) que a poucas a mesquinna ouvera d'ensandecer»<sup>15</sup> (C.S.M., cant. 381, v.8).

Para o verbo “teer”:

6. a) «(...) tenuto de uos quitar de [te pedido]»<sup>16</sup> (Doc. 2 [Lugo], l.19-20);
- b) «(...) ca se lh'eu dig': Al tenho de fazer»<sup>17</sup> (Cant. 113, v. 3-4).

Nesta estrutura, os verbos “aver” e “teer” encontram-se em distribuição complementar. Nota-se que “aver” é escolhido preferencialmente quando se pretende expressar uma ideia que remete para um tempo futuro, e que se opta por “teer” quando o valor subjacente é o de obrigação:

<sup>13</sup> Cf. *Cancioneiro da Ajuda*, edição crítica e comentada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904). (Acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do *Glossário do Cancioneiro da Ajuda* publicado na *Revista Lusitana*, vol.XXIII, 1920), 2 vols. Lisboa (INCM), 1990.

<sup>14</sup> Cf. AFONSO X – *Cantigas de Santa Maria*, obra atrás citada.

<sup>15</sup> IDEM, *ibidem*.

<sup>16</sup> Cf. MARGOT SPONER, *Documentos antiguos de Galicia*. In: *Anuari de l'Oficina Romànica de Lingüística i Literatura*, vol. VII, 1934, p. 113-138, 140-158, 162-165 e 188-191.

<sup>17</sup> Cf. *Cantigas de Escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 2ª edição revista e acrescentada pelo Prof. M. Rodrigues Lapa. [Vigo], (Ed. Galaxia), 1970.

7. a) «Cuñuçada cousa sega aos presentes e aos que amde vijnr que nos (...)»<sup>18</sup> (Doc. I, l. 1);  
 b) «Por razon tenno d'obedecer as pedras à Madre do Rei»<sup>19</sup> (Cant. 113, v.3-4).

Atentemos agora para a situação do século XIV. A ocorrência de "aver" de / "teer" de seguidos de infinitivo continua o comportamento sintáctico-semântico delineado no século precedente. A estrutura "aver" de + infinitivo é mais escolhida que a perífrase formada com o verbo "teer". No "corpus" trecentista analisado encontramos um total de 447 ocorrências de "aver" para apenas 33 ocorrências com "teer". Em termos percentuais temos 93% para o primeiro e apenas 7% para o segundo.

Vejamos agora alguns dos exemplos encontrados:

8. a) «(...) e o bispo Bonifacio auia de cãtar a missa»<sup>20</sup> (l.446);  
 b) «(...) e quando chegou o dia que ela ouve de parir (...)»<sup>21</sup> (l.2);  
 c) «(...) por que teemos d'ir pela sua estoria adeante (...)»<sup>22</sup> (p. 308, l.5-6);  
 d) «(...) he tehudo de préegar a parauoa de Deus»<sup>23</sup> (l.442-443).

Semanticamente, estas perífrases mantêm os valores apresentados para o século XIII. "Aver" de + infinitivo comporta um valor de intenção ou de futuridade e "teer" de + infinitivo comporta, essencialmente, um valor de obrigação ou de necessidade. Este valor pode também ser comportado pela perífrase formada com o verbo "aver".

No século XV "aver" continua a ser o verbo mais seleccionado no "corpus" escolhido. Desta forma, nesta perífrase, "aver" aparece em 212 ocorrências, ou seja 75% e o verbo "teer" em 70 ocorrências, equivalente a 25%. Mas merecedor de destaque é o facto de, no século XV, ainda não se encontrar uma estrutura fixa para a formação destas duas perífrases.

<sup>18</sup> PEDRO DE AZEVEDO, *Documentos antigos da Beira (Cartório de Ferreira de Aves)*. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. VII, 1902, p. 59-65 e 306-307.

<sup>19</sup> Cf. AFONSO X - *Cantigas de Santa Maria*, obra atrás citada.

<sup>20</sup> Cf. J. JOAQUIM NUNES, *Vida dos Santos Padres de Mérida*. In: "Textos antigos portugueses", *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. XXV, 1925, p. 231-250.

<sup>21</sup> Cf. SERAFIM DA SILVA NETO, *Fragmento de uma tradução medieval portuguesa (fins do século XIV) do "Libro de Buen Amor" de Juan Ruiz*. In: *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro (Casa de Rui Barbosa), 1956, p. 38-40.

<sup>22</sup> Cf. RAMÓN LORENZO, *La traducción gallega de la Crónica General y de la Crónica de Castilla*. Edición crítica anotada, com introducción, índice onomástico y glosario. 2 vols. Orense (Instituto de Estudios Orensanos "Padre Feijoo"), 1975 e 1977.

<sup>23</sup> Cf. SERAFIM DA SILVA NETO, *Fragmento de uma tradução medieval portuguesa (fins do século XIV) de um "Livro da Aves", de um autor anónimo*. In: *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro (Casa de Rui Barbosa), 1956, p. 40-45.

Assim, continuamos a encontrar três tipos distintos de possibilidade:

- “aver” de/”teer” de + infinitivo;
- “aver”/”teer” + \_\_\_ + de + infinitivo;
- “aver” de/”teer” de + \_\_\_ +infinitivo.

Vejamos exemplos de cada uma das perífrases nos três tipos de possibilidade de formação:

9. a) «(...) é qu’havês de ter marido (...)»<sup>24</sup> (Vol.I, p. 22, v.3-4);
- b) «(...) nemhuu he teudo de pelear com suas proprias despesas»<sup>25</sup> (p. 198, l.6);
- c) «(...) ouve el -rrei de saber parte de toda sua fazenda»<sup>26</sup> (Cap. VIII, p. 120, l.45);
- d) «E o alcaide da dita villa nõ tenha com elle de ver e lhas deixe trazer (...)»<sup>27</sup> (p. 137, l.36-37);
- e) «(...) teendes de vos combater migo»<sup>28</sup> (p. 412, l.21).

Para além destas, há ainda a registar duas ocorrências encontradas e que revelam uma sintaxe especial pois não se enquadram em nenhuma das possibilidades acima apresentadas. Curiosamente foram encontradas na mesma obra:

10. a) «(...) como lhe entregou as terras que lhe de dar avia»<sup>29</sup> (p. 46. l.67-68);
- b) «(...) que os rreis possam tirar dos logares que d’entregar ouverem»<sup>30</sup> (p. 146, l.91-92).

Daqui se pode depreender que, apesar das possibilidades para que esta perífrase se constitua, no caso de “aver” nota-se uma clara preferência pela estrutura na qual os elementos se apresentam em contiguidade: “aver” de + infinitivo apresenta 192 ocorrências num total de 212. Para o verbo “teer” não há uma situação tão nítida o que vem corroborar o que ocorria no século XIV.

<sup>24</sup> *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende*. Fixação do texto e estudo por Aínda Fernanda Dias. Lisboa (INCM). Vol.I,II,III, IV (texto), 1990-1993, vol. V (A temática), 1998.

<sup>25</sup> Cf. *Livro da Vertuosa Benfeytoria [Infante D. Pedro e frei João Verba]*. Edição crítica, com introdução e notas de Adelino de Almeida Calado. Coimbra (Acta Universitatis Coninbrigensis), 1994.

<sup>26</sup> Cf. *Crónica de D. Pedro [Fernão Lopes]*. Edição crítica, com introdução e glossário por Giuliano Macchi. Roma (Edizione dell’ Ateneo), 1966.

<sup>27</sup> Cf. PEDRO DE AZEVEDO, *As festas dos Imperadores*. In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol.IV, 1896, p. 134-142.

<sup>28</sup> Cf. *A Demanda do Santo Graal*. Edição iniciada por Joseph-Maria Piel e concluída por Irene Freire Nunes. Introdução de Ivo Castro. Lisboa (INCM), 1988.

<sup>29</sup> Cf. *Crónica de D. Pedro [Fernão Lopes]*, obra atrás citada.

<sup>30</sup> IDEM, *ibidem*.

Semanticamente, pode comprovar-se que o valor destas perífrases também se mantém. O valor de futuridade ligado à perífrase formada com "aver" como por exemplo em «(...) cuida que tu per aquele meesmo caminho as de passar»<sup>31</sup> (p. 42, l.21-22); e o valor de obrigação/necessidade ligado ao verbo "teer": «(...) ca por sua maa aventura tiinha a donzela de rogar o cavaleiro»<sup>32</sup> (p. 23, l.31-32).

Se, desde o século XIII, verificámos que a perífrase "teer" de + infinitivo teve sempre, um papel secundário face a "aver" de + infinitivo, no "corpus" do século XVI a situação mantém-se. Encontrámos 32 ocorrências da perífrase formada com "aver" e apenas 6 ocorrências com o verbo "teer". Em termos de percentagens isso representa 84% de ocorrências para "aver" e 16% para "teer". Sintacticamente continuamos a registar mais do que uma possibilidade de ocorrência da estrutura. Não obstante este facto, há uma nítida preferência pela contiguidade dos três elementos. A estrutura "aver" de + infinitivo regista 28 ocorrências enquanto que "aver" + \_\_\_ + de + infinitivo apenas 4. Para "teer" de + infinitivo registamos a totalidade de ocorrências. Semanticamente não há alterações significativas mantendo-se os valores atrás referenciados. É o que podemos constatar em:

11. a) «(...) cõ temor das nosas justiças de a por ello auerem de premder»<sup>33</sup> (Doc. XVI, l.10-11);
- b) «Que tees de fazer com as cousas do segre? (...)»<sup>34</sup> (p. 276, l.25);
- c) «(...) Nam hey eu hi d'embarcar»<sup>35</sup> (p. 59, v.10);
- d) «(...) que teens de fazer com as riquezas que tanto mal fazem?»<sup>36</sup>;
- e) «E cosiira como ham-de durar por sempre»<sup>37</sup>.

Como síntese resta reafirmar que, no respeitante às perífrases analisadas, a estrutura "aver" de + infinitivo, no português trecentista e quatrocentista, comuta livremente com "aver" a + infinitivo pelo que esta última acaba por desaparecer. Em relação ao verbo "teer" também encontrámos quer "teer" de + infinitivo quer "teer" a + infinitivo, no entanto, esta última estrutura aparece em contadas ocasiões, sempre com o valor de obrigação e só até ao século XV.

<sup>31</sup> Cf. ISABEL VILARES CEPEDA, *A linguagem da "Imitação de Cristo"*. (Versão portuguesa de Frei João Álvares). Lisboa (Centro de Estudos Filológicos), 1962.

<sup>32</sup> Cf. *A Demanda do Santo Graal*, obra atrás citada.

<sup>33</sup> Cf. PEDRO DE AZEVEDO, *Benzedores e feiticeiros do tempo d' El Rei D. Manuel* (século XV-XVI). In: *Revista Lusitana*. Lisboa, vol. III, 1895, p. 329-347.

<sup>34</sup> Cf. *Boosco Deleytoso*. Edição do texto de 1515, com introdução, anotações e glossário por Augusto Magne. Rio de Janeiro (Ministério da Educação e Saúde. Instituto Nacional do Livro), vol. I (Texto crítico), 1950.

<sup>35</sup> Cf. *Auto da Barca do Inferno*. In: *Obras completas de Gil Vicente*. Nova edição, revista. Coordenação do texto, introdução, notas e glossário por Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Ilustrações, vinhetas e iluminuras por Mestre Joaquim Lopes. Porto (Livraria Civilização), 1979.

<sup>36</sup> Cf. *Boosco Deleytoso*, obra atrás citada.

<sup>37</sup> IDEM, *ibidem*

Todos estes factos levam-nos a concluir que, no português arcaico, os falantes tinham interiorizado estas estruturas e seleccionavam ora um verbo ora outro de acordo com o conteúdo nocional a transmitir.

### **Bibliografia**

Por razões de espaço não é possível apresentarmos toda a bibliografia consultada pelo que remetemos para a nossa dissertação de Mestrado.

COSTA, Maria João Marques Alves da – *Os valores dos verbos “aver” e “teer” no português arcaico. Estudo diacrónico de carácter sintáctico – semântico*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra, 1998 (inédita).